

EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE: RELAÇÃO COM A SAÚDE DO ADOLESCENTE

Adriana Martins de Oliveira

IFMT- Bela Vista - adriana.martins@blv.ifmt.edu.br

RESUMO

Este trabalho é fruto de um projeto de pesquisa realizado no Campus Cuiabá- Bela Vista do Instituto Federal de Mato Grosso - IFMT. Para compreender aspectos referentes à sexualidade e seu impacto na saúde dos alunos pensamos o tema como parte de um processo educativo mais amplo que engloba a debate sobre gênero, orientação e identidade, diversidade sexual, cultural, religiosa, dentre outras abordagens que considera o aspecto social e emocional do desenvolvimento humano. A metodologia utilizada foi de base quanti-qualitativa, estruturou-se em coleta de dados através de questionário, elaborado on line, a tabulação e sistematização dos dados coletados e, a etapa final, a análise e interpretação desses dados. No geral 108 (cento e oito) estudantes responderam o questionário, 33,3% dos participantes se identificam com o gênero masculino e 66,7% feminino. No que se refere à orientação sexual 82% são heterossexuais, 9% bissexuais, 3% homossexuais e 6% não souberam responder e 0,9% se denominam como assexual. Quase 14% se sentem indecisos quanto à orientação sexual. Um total de 19,6% que responderam que nunca tiveram nenhuma instrução dos pais sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis, sexo, gravidez ou puberdade. Em resposta a isso são alarmantes os dados no quesito saúde, pois, 76% dos participantes nunca fizeram testes para verificação de alguma DST. Já, 13,9% não usaram camisinha na primeira relação sexual, os motivos variam entre: “*não havia camisinha*”, “*esqueci de usar*”, “*o (a) parceiro (a) não quis*”, “*não vi necessidade*”, “*tomei remédio*”, “*fiz apenas sexo oral*”, “*curiosidade de fazer sem o uso da camisinha*” e outros. Sobre a escola nesse papel de informação sobre sexo e sexualidade, mais que 70% responderam que não se sentem à vontade para tirar dúvidas do tema na instituição. Assim, percebe-se que os dados são preocupantes no quesito do diálogo dos estudantes com os pais, diálogo dos estudantes com a escola e preocupação e informação do próprio estudante com sua saúde. Para os estudantes a escola precisa debater o tema, quebrar paradigmas e também trabalhar interdisciplinarmente temas como sexo, sexualidade que influi diretamente na qualidade de vida dos estudantes.

Palavras-chave: Sexualidade. Educação. Saúde.

1 Introdução

No passado, falar de sexualidade dentro do contexto da escola com os alunos era um afronto para a sociedade e o professor era punido de alguma forma. Com isso, questões sobre sexualidade do aluno era omitida dentro da instituição escolar. Segundo TIBA (1994) *apud* Henrique *et al* (2014):

[...]Os professores agiam como se seus alunos fossem seres assexuados, mesmo quando chegavam à adolescência. Não podia ser diferente; afinal, toda sociedade o tema sexo entre quatro paredes. O melhor método, portanto era não tocar no assunto e deixar que a natureza se encarregasse de ensinar os alunos o que estava se passando. E como a ordem era reprimir a sexualidade, melhor seria não tocar no assunto para não despertá-la (HENRIQUE *et al*, 2014, p.130).

Os autores Baroni e Junior (2009) alegam que falar de sexualidade remete-nos a pensar imediatamente ao ato sexual e à reprodução. Mas a sexualidade é muito mais abrangente. Pode ser definida como uma forma de expressão dos afetos, uma maneira de cada indivíduo se descobrir e descobrir os outros, pois a sexualidade engloba a identidade sexual (masculina e feminina); os afetos e a auto-estima; as alterações físicas e psicológicas ao longo da vida; o conhecimento anatômico e fisiológico do homem e da mulher; a higiene sexual; a gravidez, a maternidade e a paternidade; métodos anticoncepcionais; doenças sexualmente transmissíveis; os transtornos sexuais, entre outros. Concordamos com os autores e pensamos o tema como parte de um processo educativo mais amplo e específico que engloba a educação em Direitos Humanos, os quais além de discutir sobre sexualidade, debate sobre gênero, orientação e identificação sexual, diversidade sexual, cultural, religiosa, dentre outras abordagens que considera o aspecto social e emocional do desenvolvimento humano.

Marcondes (2012) faz uma análise de como a sexualidade é tratada nos documentos oficiais da educação básica, suas finalidades, contribuições e limites para a atenção sobre a diversidade entre os sujeitos. A partir de desse estudo e da Lei de Diretrizes da Educação Básica (LDB) a proposta de realização desse projeto de pesquisa esteve em consonância com as publicações de orientação e formação, elaborado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) do Ministério da Educação (MEC).



Esta pesquisa foi de suma importância, haja visto que a finalidade de fazer o estudo sobre a sexualidade é contribuir para que os/as estudantes possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade. Esse tema vincula-se ao exercício da cidadania na medida em que propõe o desenvolvimento do respeito a si e ao outro e contribui para garantir direitos básicos, tais como saúde, informação e conhecimento, elementos fundamentais para a formação de estudantes responsáveis e conscientes de suas capacidades.

2 Metodologia

A pesquisa é de cunho quanti-qualitativa, sendo que a abordagem qualitativa é para permitir uma compreensão mais detalhada dos significados e características apresentadas pelo objeto de estudo. Os sujeitos desta pesquisa foram do ensino médio integrado do Campus Cuiabá-Bela Vista do IFMT. A realização da pesquisa estruturou-se em 03 (três) etapas: a coleta de dados através de questionário, elaborado on line, o qual abarcou perguntas fechadas e uma pergunta discursiva. Posteriormente, a tabulação e sistematização dos dados coletados, e a etapa final contemplou a análise e interpretação desses dados com vistas a publicitação do resultado da pesquisa.

3 Resultados e Discussão

No geral 108 (cento e oito) estudantes responderam o questionário, isso representa cerca de 25,7% da totalidade dos alunos frequentantes aos cursos de ensino médio. Cabe relatar que tivemos algumas dificuldades no que tange ao consentimento dos pais dos alunos menores de idade, que ao saberem que se tratava de uma pesquisa sobre sexualidade muitos não consentiram a participação do filho. Assim, 63,7%, tem 18 anos ou mais, 17% tem 17 anos, 10,3% 16 anos, e 9% 14 ou 15 anos.

Com a pretensão de coletar informações fidedignas para subsidiar ações de intervenção posteriormente, o questionário aborda questões pessoais, sociais e de saúde. Fazendo um recorte de gênero, 33,3% dos participantes se identifica com o gênero masculino e 66,7% feminino. No que se

refere à orientação sexual 82% são heterossexuais, 9% bissexuais, 3% homossexuais e 6% não souberam responder e 0,9% se denominam como assexual, e 14% se sentem indecisos quanto à orientação sexual.

Numa perspectiva psicossocial, os dados revelam que quase 60% dos participantes não se sentem à vontade para falar de sexo ou sexualidade com os familiares. Sobre se sentirem aceitos pelos familiares quanto à orientação sexual, 12% respondem que não se sentem aceitos. Já, 21,3% dos participantes respondem que se tivessem um familiar de uma orientação sexual diferente da sua se sentiria incomodado e/ou tentaria mostrar que não é o correto. Obtivemos também, 19,6% que responderam que nunca tiveram nenhuma instrução dos pais sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis, sexo, gravidez ou puberdade.

Em resposta a essa falta de diálogo por parte dos pais, são alarmantes os dados no quesito saúde, pois, 76% dos participantes nunca fizeram testes para verificação de alguma DST. Já, 13,9% não usaram camisinha na primeira relação sexual, os motivos variam entre: *“não havia camisinha”*, *“esqueci de usar”*, *“o (a) parceiro (a) não quis”*, *“não vi necessidade”*, *“tomei remédio”*, *“fiz apenas sexo oral”*, *“curiosidade de fazer sem o uso da camisinha”* e outros. O montante de 58% não sabem dizer ou acreditam que não há necessidade de camisinha no sexo oral e anal.

Sobre a dificuldade para falar abertamente sobre o assunto na sociedade, 31,5% acreditam que seja por motivos religiosos; 23,1% por motivos morais; 22,2% por falta de informação; 12% acreditam que por medo de estimular a sexualidade; 6,5% não vê dificuldade, e o restante por outros motivos, entre eles um participante responde *“temor a Cristo que a sociedade Graças a Deus ainda tem”*.

Sobre a escola nesse papel de informação sobre sexo e sexualidade, mais que 70% responderam que não se sentem à vontade para tirar dúvidas do tema na instituição. Assim, percebe-se que os dados são preocupantes no quesito do diálogo dos estudantes com os pais, diálogo dos estudantes com a escola e preocupação e informação do próprio estudante com sua saúde.

Sobre a questão dissertativa que pedia aos participantes para contribuírem de alguma forma com a pesquisa acrescentando algo, obtivemos 21 (vinte e uma) respostas, sendo que 16 (dezesseis) solicitam que o tema seja mais trabalhado na escola, tendo em vista que não tem liberdade para falar sobre o assunto em casa. Alguns revelam que são homossexuais e não podem dizer porque tem medo. Um fato importante que merece ser relatado a fim de transcrever a questão da intolerância que vivemos atualmente no Brasil, é o repúdio a pesquisa, por parte de um estudante que diz que *“a miséria brasileira nos agradece”*.

4 Considerações finais

A escola, na maioria das vezes, não está preparada para lidar com essas questões, embora esse seja um dos temas transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais a ser trabalhado na educação básica.

Percebemos que é de suma importância trazer o estudante para o diálogo com a escola sobre sexualidade, pois os próprios estudantes apontaram que este tema seja mais trabalhado, principalmente pela falta de diálogo sobre o tema nas relações familiares.

Em suma, os temas saúde e sexualidade fazem parte do cotidiano dos jovens e necessita ser debatido.

5 Referências Bibliográficas

BARONI, M; VENDITTI JUNIOR, R. Abordagem do conteúdo sexualidade nas aulas de educação física escolar no ensino médio: estratégias e propostas. **Revista Digital** - Buenos Aires - Ano 14 - Nº 131 - Abril de 2009, Acesso: <http://www.efdeportes.com/>.

HENRIQUE V. H. O, ALEXANDRE, M, GONÇALVES, G. K. PASA, C. M. **Sexualidade e Educação:** concepção dos alunos do ensino médio de uma escola pública, MT, BRASIL. Biodiversidade - V.13, N2, 2014.

MARCONDES, M. Ensino de sociologia em debate, revista eletrônica Lenpes-Pibid, de ciências sociais – UEL, **A diversidade em Debate:** Uma análise da sexualidade proposta na educação, V Seminário de Estágio de Sociologia, no dia 23 de novembro de 2012.